

A PARTICIPAÇÃO DE SURDOS EM UMA DISCIPLINA DE LIBRAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MONITORIA

¹Maria Zélia Alves de Moura;

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará, mi.mariazelia@gmail.com

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocupa, desde a promulgação da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, um lugar de relevância nos currículos dos cursos de formação docente no Brasil. Sua inserção como componente curricular obrigatório nas licenciaturas e nos cursos de Pedagogia representa uma conquista legal da comunidade surda e um desafio pedagógico concreto para as instituições de nível superior, uma vez que o ensino dessa disciplina não deve se limitar a transmissão e repetição de sinais, isentos de quaisquer contextualizações.

Diante desse contexto, o presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito da monitoria voluntária da disciplina de Libras, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no semestre letivo de 2025.1. A disciplina, ministrada por um professor ouvinte com sólida imersão na língua e na cultura surda, adotou como elemento pedagógico estruturante a presença ativa de surdos ao longo de todo o semestre, ampliando as possibilidades de interação linguística e cultural.

A partir do olhar da monitora, surge o seguinte questionamento: ‘De que modo essa presença surda qualificou o processo de ensino-aprendizagem e contribuiu para a formação docente dos envolvidos?’. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar as contribuições da presença ativa de surdos em uma disciplina de Libras no ensino superior para o processo de ensino-aprendizagem. Como objetivos específicos, busca-se: a) descrever práticas pedagógicas que promoveram o contato entre os discentes ouvintes e a comunidade surda ao longo do semestre; b) refletir sobre as contribuições da monitoria voluntária para a formação inicial docente da autora.

Metodologia

O procedimento metodológico deste trabalho possui natureza qualitativa e se configura como um relato de experiência, tendo como objeto de análise os registros produzidos pela autora ao longo da monitoria voluntária, incluindo anotações de aula. A experiência foi desenvolvida durante o semestre letivo de 2025.1, entre os meses de abril e agosto de 2025, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no município de Sobral, Ceará, no âmbito da disciplina de Libras ofertada ao curso de Pedagogia.

A produção e análise dos dados orientou-se pela abordagem qualitativa que, conforme Gil (2007), não se preocupa com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão dos significados, das motivações e das experiências dos sujeitos envolvidos no processo investigativo.

Resultados e Discussões

Desde as primeiras aulas da disciplina de Libras, a presença de surdos acrescentou autenticidade e profundidade às práticas de ensino-aprendizagem, além de exercer um fator motivacional sobre os discentes, pois, ao reconhecerem a existência de um interlocutor real, os estudantes passaram a se engajar com maior seriedade no estudo dos sinais, compreendendo a língua para além de um conteúdo curricular, mas como um meio efetivo de interação comunicativa.

A monitora pôde perceber uma mudança de postura dos discentes nas aulas em que os surdos circulavam pela sala, visto que havia mais silêncio, mais atenção ao professor e menos conversas paralelas, possibilitando a construção de um ambiente em que o professor teve a oportunidade de cultivar aulas inteiramente em Libras. Aspecto que também exigia atenção visual plena dos estudantes.

A proposta adotada pelo referido docente dialoga com o exposto por Neves e Moraes (2023), visto que eles destacam a importância de que este ensino contemple situações reais de uso da língua, mediante a inclusão do contato direto com a comunidade surda, para que os futuros professores desenvolvam competências comunicativas genuínas, e não apenas repertório técnico de sinais. Nesse contexto, a discussão sobre o ensino de libras pode recair na compreensão de que somente um surdo poderia tomar a frente do ensino da referida disciplina.

Tal perspectiva, embora relevante no que tange à valorização da identidade e da cultura surda, não impede a atuação do professor ouvinte proficiente, desde que este mantenha, em sua prática pedagógica, um vínculo contínuo e respeitoso com a comunidade surda, como o que foi observado ao longo da disciplina relatada. O professor, sendo ouvinte, demonstrou que o ensino de Libras deve ser comprometido com a inclusão, não dependendo exclusivamente da surdez do docente para ter sucesso metodológico, mas sim do seu grau de imersão na língua, da intencionalidade com que aproxima seus alunos de interlocutores surdos, e sobretudo do respeito à cultura surda.

Foi observado que ao trazer visitantes surdos para auxiliar nas demandas em sala de aula, o professor potencializava o aprendizado dos alunos por tornar a língua um sistema único e real de comunicação, deixando de ser apenas um conteúdo a ser memorizado (Leitão, 2021). Nesse contexto, ao interagirem diretamente com os discentes, os surdos assumiam o papel de interlocutores legítimos da língua, atribuindo às aulas o reconhecimento do surdo como sujeito social, dotado de identidade, cultura e formas próprias de se relacionar com o mundo. Para os alunos ouvintes, esse encontro foi, muitas vezes, o primeiro contato real com a comunidade surda, o que torna a experiência ainda mais significativa do ponto de vista formativo.

Essa dimensão do encontro linguístico real dialoga diretamente com a concepção de linguagem proposta por Vygotsky (1991), para o qual a língua não é um sistema abstrato e isolado, mas um instrumento fundamental de mediação entre o sujeito e o mundo. Para o autor, é por meio da linguagem que o pensamento se organiza e se desenvolve, sendo através da interação com o outro que o ser humano se constitui como sujeito. Nessa perspectiva, a língua só adquire pleno sentido quando usada em situações reais de comunicação, em contextos socialmente situados.

Ao trazer surdos para o interior da disciplina, o professor criou condições em que os alunos ouvintes não apenas aprendiam os sinais, mas eram convocados e obrigados a estabelecerem trocas comunicativas com sujeitos cujo modo de existir no mundo é mediado pela língua de sinais. Isso favorece o que Vygotsky (1991) denomina Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), pois, com o suporte do professor, da monitora e dos próprios surdos presentes, os discentes avançavam para além do que conseguiriam realizar sozinhos, internalizando a Libras como prática social viva e significativa.

Um momento de grande interação dentro da disciplina foi o batismo de sinais, em que cada aluno recebeu seu sinal, uma prática cultural própria da comunidade surda, por meio da qual uma pessoa é identificada por uma característica marcante, traduzida em sinal. De acordo com Silva e Silva (2021) esse batismo ocorre quando um surdo ou ouvinte passa a ter contato

com a comunidade surda, sendo o sinal criado a partir de aspectos físicos ou comportamentais do indivíduo, constituindo uma forma de identidade visual e de pertencimento cultural.

Ao longo do semestre, os conteúdos foram construídos de modo progressivo e contextualizado, alfabeto, números, cumprimentos, calendário, fases da vida, família, estado civil, profissões e comidas. Cada tema foi trabalhado com dinamicidade, mediante diálogos em duplas, músicas, vídeos de revisão e atividades online, de modo que os alunos não acumulavam sinais isolados, mas desenvolviam a capacidade de utilizá-los em situações comunicativas articuladas.

A monitora teve a oportunidade de acompanhar de perto esse processo e perceber como, gradualmente, os discentes passavam de uma postura de timidez diante dos sinais para uma atitude de maior confiança e fluência expressiva. Isso evidenciou a eficácia da metodologia adotada, que articulou ensino, prática e presença surda de modo intencional.

A disciplina foi finalizada com a Feira de Libras, que atuou como uma síntese desse percurso. Por meio de estandes temáticos organizados pelos próprios alunos, os conteúdos trabalhados ao longo de todo o semestre foram mobilizados de forma integrada e pública, uma vez que a feira foi de livre participação. E, como em toda a disciplina, a feira contou com a presença de um surdo que acompanhou todas as apresentações, o qual ao longo do semestre, já havia estabelecido vínculos com a turma, conferindo à atividade um caráter genuinamente comunicativo e afetivo.

Em síntese, destaca-se que a experiência vivenciada ao longo da disciplina de Libras evidenciou que a presença surda não é um recurso complementar, mas elemento constitutivo de um ensino verdadeiramente inclusivo e significativo.

Considerações Finais

A experiência vivenciada como monitora voluntária da disciplina de Libras evidenciou que a presença ativa de surdos em espaços de ensino voltados a ouvintes é um elemento constitutivo de uma educação verdadeiramente inclusiva. Ao longo do semestre foi possível observar como o contato direto com a comunidade surda transformou progressivamente a postura dos discentes, haja vista que os alunos percorreram um caminho de aprendizagem que transcendeu o domínio técnico da língua e alcançou dimensões mais profundas de reconhecimento e empatia.

Do ponto de vista da formação docente, a monitoria se revelou como um espaço singular de aprendizagem. Atuar ao lado do professor, participar do planejamento da disciplina, mediar a comunicação entre surdos e ouvintes, avaliar apresentações e organizar a Feira de Libras foram experiências que nenhuma disciplina teórica, isoladamente, seria capaz de proporcionar.

Por fim, este relato reafirma a importância de que as disciplinas de Libras nos cursos de formação docente sejam concebidas não apenas como espaços de introdução linguística, mas como ambientes de encontro intercultural entre ouvintes e a comunidade surda. A Libras só se efetiva como instrumento de inclusão quando ensinada em contato real com seus falantes nativos, em contextos que eles atribuam à língua seu verdadeiro sentido de mediação e pertencimento. Sendo assim, espera-se que a experiência aqui relatada sirva de inspiração para que outros docentes e futuros educadores compreendam que incluir, antes de tudo, é reconhecer.

Palavras-Chaves: Libras. Ensino superior. Formação docente. Presença de Surdos.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 26 mar. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26 mar. 2026.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITÃO, Nayara Araujo Duarte. A educação inclusiva no ensino superior: disciplina LIBRAS e a preparação para o ensino do português como L2. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Cajazeiras, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23146>. Acesso em: mar. 2026.

NEVES, Regivane dos Santos; MORAIS, Marta Cristina Cezar. Disciplina de Libras na formação de professores: estratégias para o ensino de surdos. Cadernos CIMEAC, Uberaba, v. 13, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/806>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SILVA, Nilce Maria da; SILVA, Benício Bruno da. Funcionamento discursivo e enunciativo do sinal de pessoa para a comunidade surda. Linha d'Água, São Paulo, v. 36, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/download/8667916/27738/114663>. Acesso em: 26 mar. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

